

# O CORPO REVALORIZADO NA RELIGIÃO

Artur Peregrino

*“O corpo nos liga materialmente à natureza, feito um cordão umbilical. Ele é o nosso primeiro órgão natural de comunicação com os outros seres. Se conseguirmos, por assim dizer, melhorar o contato com o nosso corpo, de passagem, conseguiremos também nos conectar com a natureza toda, nos harmonizar com ela, recuperando um ritmo natural maior, de caráter cósmico, onde a nossa corporeidade se situa materialmente. Quando nos afastarmos daquele ritmo natural, nos afastamos das fontes da vida e da saúde. Se conseguirmos estar em harmonia com o nosso corpo e com a natureza, conseguiremos também nos harmonizar e nos conectar naturalmente com as outras pessoas”.*

Clemente Lizana

## **A questão do corpo na romaria bíblica**

Não existe romaria sem o corpo em movimento. O povo bíblico nasce de uma romaria, portanto de uma ação gestual simbólica. Deus revelou-se a Abraão, ordenando-lhe: “Vai...”. Ele e Sara, sua mulher, obedientes à voz do Senhor, partiram e se fizeram, a partir daquele momento, os primeiros peregrinos da fé e da promessa. Outros seguiram os passos, homens e mulheres, anciãos e crianças (Mesters, 1991).

O que caracteriza o crente é a incerteza dos planos e o ter de esperar tudo para cada novo dia. É a confiança em Deus como Fiel Companheiro.

O significado antropológico-cultural do ser peregrino é que o ser humano é um eterno caminhante. É colocar o corpo em movimento. O corpo está sempre em viagem. A própria vida está dividida em várias caminhadas: infância, adolescência, juventude, idade adulta e velhice. A própria morte é considerada como a “última viagem”. O corpo está em permanente transformação. Existe um hino cantado pelo povo do interior do Nordeste que expressa essa dimensão da vida como uma peregrinação:

“Nossa vida é uma passagem,  
Na cidade ou no sertão,  
Nossa morte é uma viagem,  
Em busca da salvação”.

Nessa dimensão, o corpo carrega em si um grande ritual de passagem para uma vida que se espera que seja sempre melhor. O corpo é expressão de tudo isso. Numa abordagem antropológica temos que nos remeter à dimensão de cultura. Em cada cultura temos uma multidimensão de entendimento e vivência do corpo. Em todas as culturas o corpo é expressão inegável da identidade étnica.

No deserto do Sinai, Moisés escutou o chamado de Deus:

“Os anciãos de Israel darão ouvidos a você. Então você irá com eles até o rei do Egito e lhe dirá: ‘Javé, o Deus dos hebreus, veio ao nosso encontro. Por isso, deixe-nos agora fazer uma viagem de três dias no deserto, para oferecermos sacrifícios a Javé nosso Deus’ (Ex 3, 18).

Conforme esta tradição, o grande fato sociopolítico da libertação do povo de Deus, desde a escravidão do Egito até a conquista da terra de Canaã, começou por uma descoberta: “O Senhor Deus dos hebreus (dos oprimidos) veio ao nosso encontro”. A primeira romaria foi feita por Deus (Barros, 1996). E não foi a um santuário. Foi a nós, pequenos e escravos. “Por isso”, continua o texto, deixe-nos fazer uma romaria ao deserto”. Então, a romaria do povo ao deserto foi uma maneira de corresponder amorosamente à romaria que o Senhor fez na direção do povo. Assim, a romaria religiosa se integrou à fuga “clandestina” da escravidão do Egito. A caminhada pelo deserto foi uma procissão litúrgica e, ao mesmo tempo, uma luta para a ocupação da terra prometida. O corpo foi colocado em movimento de libertação. A saída é um desapegar-se. Foi assim, que os hebreus fizeram o êxodo durante quarenta anos pelo deserto na direção da terra. Para o povo, foi uma peregrinação muito importante: de vida ou morte. Foi uma caminhada de libertação do corpo.

Já no Antigo Testamento, a romaria do Êxodo foi tão decisiva na vida do povo que a cada ano as famílias lembravam-na durante a festa da Páscoa. E essa passagem era uma libertação da condição de um corpo escravo para uma condição de liberdade. Até hoje, as comunidades judaicas recordam essa passagem na qual Deus conduziu seu povo da escravidão à terra da liberdade. A cada ano, a Festa das Tendões, o povo fazia barracas de ramos no pátio do templo para lembrar o tempo em que viveu em barracas, durante a travessia do deserto, e fez aliança com Deus.

O saltério, a coleção dos salmos da Páscoa, começa assim: “Quando Israel saiu do Egito... Tornou-se como um santuário do Senhor” (Sl 114,1).

E essa condição de se tornar santuário é que torna o corpo algo sagrado. A memória cultural é escrita no corpo dos crentes.

Essa mesma idéia é retomada pelo apóstolo Paulo no Novo Testamento quando vai falar que todos “somos templos do Espírito Santo”. Dom Pedro Casaldáliga com a poesia “Rompe o mar da liberdade”, expressou de maneira bonita essa memória bíblica acumulada:

“Sai, meu povo, desta terra  
e atravessa o Mar Vermelho,

e que não é a Pátria de filhos  
esta terra-cativeiro.  
Rompe o Mar da liberdade  
e a esperança do deserto  
Quem comeu de pé a Páscoa  
nem tem lucros, nem tem medos.  
A promessa do Senhor  
Já é Novo Testamento  
Toda a terra e todo o povo  
Devem ser reino do Reino”.

### **O corpo valorizado na busca do sagrado**

Todas as grandes religiões do mundo têm peregrinações. Na América Latina, as religiões populares e principalmente o catolicismo, do modo como nossos povos absorveram, desenvolveu-se a partir de Santuários marginais ao sistema eclesiástico, criados e mantidos pelo povo. É o caso da história de Canindé (CE), Juazeiro do Norte (CE), Aparecida do Norte (SP), Trindade (GO), Bom Jesus da Lapa (BA) e, em outros países, Copacabana (Bolívia), Lujan (Argentina) e Guadalupe (México).

Como vemos a peregrinação é uma prática antiga e comum à maioria das religiões. A maioria das religiões apresenta-se como caminho. Há até uma religião oriental, o taoísmo, que é a religião “do caminho”<sup>1</sup>. Também o cristianismo, em seus inícios, era chamado de “caminhada” (At 9,2; 16,17; 18,25; 19,23; 22,4,etc.). E essa atitude tem muito haver com o corpo porque na caminhada o corpo é a expressão mais cabal da busca do sagrado que está como escondido. É daí que surgiram as peregrinações.

Desde a antiguidade, existem peregrinações em todas as religiões mais conhecidas. No Oriente, o hinduísmo tem santuários em lugares de peregrinação nas regiões mais altas da terra (no Himalaia). O povo corre dos mais diversos lugares para se banhar nas águas sagradas do rio Ganges. As peregrinações hindus simbolizam a marcha interior de cada ser humano que busca o núcleo do seu mais profundo eu e a sua libertação das sensações “ilusórias” do mundo exterior. Monges e monjas, bem como devotos de todas as classes, vivem a peregrinação como um ato de renúncia a si mesmos e um processo de iluminação espiritual<sup>2</sup>.

O elemento caminhada é fundamental para explicar o que vem a ser uma romaria. Todos os povos conhecem peregrinações. Os hebreus nômades passavam sempre pelos lugares de culto cananeus. A primeira peregrinação de Jacó refaz os passos de Abraão. Os filhos de Israel, pela fé, fizeram das migrações a grande peregrinação em busca da Terra Prometida.

1. Tao quer dizer caminho.

2. Há um livro que tenta fundamentar o fenômeno das romarias. A saber: BARROS, Marcelo. PEREGRINO, Artur. *A Festa dos Pequenos. Romarias da Terra no Brasil*. São Paulo: Paulus, 1996.

Os profetas retomam a imagem das andanças do povo para anunciar a grande romaria final: a reunião de todas as nações.

O que move os romeiros e romeiras é o desejo de ver a Deus, de se encontrar com ele, de estar na sua presença. Os judeus tinham a obrigação de subir ao Templo de Jerusalém três vezes por ano, pois acreditavam que Deus estava lá. Subiam na festa da páscoa, de pentecostes e dos tabernáculos. Nessa experiência se vivia uma profunda ritualidade.

Assim também no Islã um dos cinco pilares da religião é, ao menos uma vez na vida, fazer uma peregrinação a Meca. A peregrinação às fontes da fé islâmica é a busca que cada crente faz da unidade; voltando aos lugares que simbolizam a morada de Deus nesta terra, Meca (por causa de Maomé) ou Jerusalém (por causa do pai Abrão), os crentes refazem entre si, com o universo e com Deus uma unidade indivisível.

A partir de Jesus de Nazaré as peregrinações do povo de Israel mudaram o seu significado. Antes eram feitas para buscar o Senhor, para ir à casa de Deus, o seu santuário. Porém Jesus vem mostrar que a casa de Deus, o templo, o santuário, são as pessoas humanas, em quem habita o Espírito. O Pai está com o Filho, e o Filho está na sua comunidade pela força do Espírito Santo. A romaria do cristão é a visita a sua própria comunidade, a visita aos seus irmãos. É preciso buscar a Deus onde se encontra reunido o seu povo. Para Jesus, Deus se faz presente no seu povo reunido. E a grande caminhada dos cristãos é a reunião de todas as nações. E a chegada da romaria será no Reino dos Céus.

Para os discípulos de Jesus, Deus estava no mundo inteiro e Jesus estava presente no meio deles em qualquer lugar. Porém, há registros de que os primeiros cristãos da Palestina procuravam voltar a Jerusalém para rever os lugares em que Jesus tinha vivido, numa espécie de romaria não organizada. Algumas vezes os romanos davam sumiço nos corpos dos mártires para evitar que seus túmulos se tornassem centros de peregrinação. Volta a importância do corpo na busca e caracterização de lugares sagrados.

Como Jesus criticou o culto formal do templo, houve nas comunidades cristãs antigas certa resistência, mas, ao menos desde o século IV, as romarias à Terra Santa, a Roma e ao túmulo dos mártires tornaram-se comuns no cristianismo (Barros, 1996).

Por volta do século V escutamos falar de uma grande peregrinação liderada por uma mulher chamada Etéria. Ela fez uma caminhada durante um tempo de Quaresma vivendo os momentos litúrgicos fortes da paixão, morte e ressurreição de Jesus. A sensibilidade dessa mulher retoma a idéia de colocar o corpo em movimento. Etéria faz um relato que foi publicado com o nome de “Peregrinação de Etéria” e nos dá detalhes da liturgia celebrada em Jerusalém nesta época<sup>3</sup>.

3. Em seu diário, Etéria fala que as festas pascais contavam não só com a presença dos fiéis da cidade, mas também com a de numerosos peregrinos. Veja *Peregrinação de Etéria*. Liturgia e catequese em Jerusalém no século IV. Petrópolis: Ed. Vozes, 2<sup>a</sup> edição, 2004.

Entre os povos latino-americanos, muitos grupos indígenas são nômades por necessidade econômica e por serem ancestralmente oprimidos. Entretanto, ligaram essa realidade a uma dimensão profunda de sua espiritualidade. Os guaranis vivem uma peregrinação permanente em busca de um mistério que ninguém de fora consegue expressar, e esta romaria é, ao mesmo tempo, a busca da terra sem males. Nos Andes, profetas e comunidades indígenas vivem em peregrinação em busca da “Loma Santa”, assim como lavradores do centro-oeste brasileiro viajam atrás da “bandeira verde”.

As pesquisas revelam que, nos últimos anos, o número de peregrinos/as aumenta a cada ano. Não é só na América Latina que as romarias estão aumentando e florescendo. Em santuários tradicionais do catolicismo tem ocorrido esse fenômeno. É o caso de Lourdes, Roma e Fátima. Lourdes recebe, a cada ano, mais de cinco milhões de peregrinos. Também a antiga peregrinação a Santiago de Compostela, que na Idade Média mobilizava populações inteiras e nas últimas décadas havia entrado em declínio, nos últimos cinco anos, voltou a reunir milhares de pessoas continuamente.

Mesmo Igrejas Evangélicas que não cultivavam o rito da peregrinação têm-se aberto a caminhadas e marchas da fé. No Brasil, em algumas cidades grandes, tem sido comum, em momentos como o “Dia da Bíblia” ou de Cruzadas pelo Cristo, a mobilização de milhares de pessoas, que percorrem a pé as ruas principais da cidade cantando e aclamando o Cristo. Exemplos disso são as chamadas “Marcha para Jesus” que reúne milhares de pessoas.

Por que não imaginar, nos dias atuais, que este mesmo espírito está presente em muitas mobilizações populares? O que dizer de uma marcha de “sem terra” que cruza o país de ponta a ponta? Com certeza aí está presente uma “espiritualidade caminheira”.

O gosto pelas peregrinações trouxe à tona a vivência do corpo. A expressão corporal passa como um ritual do caminho. Mesmo em povos indígenas, tem-se percebido, junto com a revalorização de suas culturas, a intensificação desta mística da peregrinação.

Diante disto, podemos concluir que de fato, nas várias e diferentes expressões religiosas, romaria é o gesto ecumênico que caracteriza a busca interior de cada pessoa bem como de comunidades do povo que procuram sair de uma realidade a outra e viver em comum a aventura da fé e do amor. Vemos como o movimento do corpo expressa o estar aberto a acolher a novidade do caminho.

### **O Corpo revalorizado nos rituais**

Em todas as religiões os rituais são fundamentais para alimentar sua relação com o sagrado. Assim também é no ritual de tradição cristã. Não tendo espaço para falar de muitas gostaria de falar apenas do ritual na igreja católica.

A liturgia cristã é estreitamente ligada ao corpo e aos sentidos (Buyst, 1994). De fato, há apenas um simbolismo fundamental, o do corpo humano como expressão da alma humana, portanto lugar primeiro de todos os símbolos. Todos os outros gestos simbólicos se situam em continuidade com o corpo humano.

O olho é o mais ativo dos sentidos. Na liturgia contemporânea, no entanto, existe a tendência de subestimá-lo. Oferece muito ao ouvido e pouco à vista. Houve um tempo em que era o contrário. Houve uma época em que a dimensão verbal não era compreendida, e colocava-se no primeiro plano a dimensão visual.

Certos gestos litúrgicos secundários como a elevação do pão e do vinho na consagração, são a consequência disso. Até o culto eucarístico fora da missa encontra aqui seu fundamento. Certamente haveria a possibilidade de revalorizar o lado visual da liturgia, mas isto não quer dizer que será necessário acrescentar-lhe novos efeitos visuais. Seria melhor deixar que os grandes símbolos falem.

É a comunidade que ocupa o lugar mais importante na liturgia cristã, e a justo título. A liturgia celebra a fé, e a “a fé vem da comunidade”. De fato, se os mistérios celebrados mergulham as raízes em fatos históricos e são também celebrações comemorativas, isto deve ser posto em evidência. A história é impossível sem a “narrativa”.

É importante respeitar os diferentes gêneros: a leitura não é uma oração, o hino não é um salmo, o canto não é uma exortação e a homilia não é uma série de avisos. Cada gênero há de ser executado conforme o merece no plano auditivo. Além disso, é claro que nem a retórica, nem a teatralidade têm lugar na liturgia. A pessoa que lê não está ali para atuar, mas para se fazer o humilde instrumento de uma palavra que vem de mais longe. O impacto exagerado da personalidade individual do homem ou da mulher que faz a leitura pode matar a liturgia e eliminar suas harmônicas.

Até o lugar de onde é proclamada a leitura tem importância. É melhor não ler no meio da comunidade porque a palavra vem de outra parte. Ela é proclamada; não nasce simplesmente da comunidade. É igualmente preferível ler do Evangeliário e de um ambom cercado de símbolos que suscitam o respeito – luz, incenso.

O sentido do tato encontra a expressão mais profunda na imposição das mãos e na unção. Esses gestos acham-se entre os mais físicos da liturgia e podem ter um impacto enorme sobre a pessoa. A oração recitada diante duma pessoa doente toma um caráter diferente se houver imposição das mãos ou uma unção.

O sentido do olfato, para concluir, não é praticamente empregado na liturgia do ocidente. Não lucrámos por relegar o incenso ao domínio do supérfluo e do incômodo. A Igreja oriental é muito melhor dotada a este respeito. Um exemplo particularmente absurdo é o santo crisma sem odor que empregamos para sugerir “o bom odor de Cristo” aos novos confirmados. Aqui ainda, a Igreja oriental está a nossa frente várias léguas – talvez mesmo mais longe – pois utiliza dezenas de perfumes e especiarias para confeccionar o óleo do crisma.

Toda a liturgia, principalmente a da terra bíblica que falamos, é uma expressão da fé em movimento. É, de fato, crer e rezar com os pés e com todos os sentidos do corpo.

### **Experiência de valorização do corpo**

As romarias são expressão dos gestos e ações simbólicas. No Nordeste do Brasil as romarias para o Juazeiro do padre Cícero é um laboratório de ações corporais e por isso simbólicas.

As romarias da terra organizadas pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) também representam essa forma de colocar o corpo em movimento e expressar a vida como uma caminhada.

Nas celebrações das romarias da terra, por exemplo, apesar da primazia da palavra e do discurso, identificamos muitos gestos e ações simbólicas, que estão intimamente ligados à vida e à cultura do povo e que são sementes de um novo jeito de celebrar a fé. Egídio Balbinot em seu livro *Liturgia e Política* (BALBINOT, 1998: 72) enumera várias ações simbólicas que nos chamam atenção:

- A voz forte da multidão, cantando: Bendita e louvada seja esta santa romaria;
- A cruz de cedro sendo carregada pelos romeiros ao longo da caminhada;
- A Bíblia passando de mão em mão no meio do povo;
- As mãos elevadas para os céus;
- Os joelhos tocando a terra;
- Os aplausos e a dança;
- O abraço da paz fraternal e amigo;
- O beijo à terra sagrada;
- A imposição das mãos;
- O sinal da cruz na testa da/o companheira/o.

Essas ações simbólicas em vez de serem alienantes colaboram para um casamento perfeito entre a Graça (teologia) e a eficácia histórica (política).

Clemente Lizana nos chama atenção para a íntima ligação da luta social e a dimensão de libertação do corpo.

“A auto-consciência do corporal e a atualização das capacidades expressivas do corpo, pelo fato de revelar aspectos desconhecidos ou reprimidos da realidade humana, estimulam a criação de imagens e idéias que podem chegar a ser novos pontos de encontro e de mútuo reconhecimento dos membros de uma comunidade” (Lizania, 1990).

Quanto falamos de liturgia não estamos falando de uma realidade abstrata. A religião, a Igreja, e os sinais e ritos de expressão da fé não são realidades abstratas, mas têm relação com a sociedade civil, quanto à comunidade cristã estabelecem entre seus membros uma série de relações que se expressam também através de sinais, celebrações e ritos. Num sentido amplo, a religião pode ser definida como um “sistema de símbolos mediante os quais o homem confronta a forma e a substância última da realidade” (Borobio, 1990: 5).

A liturgia, sendo ‘fonte e cume’ da vida da Igreja, é o lugar por excelência onde se manifesta esta realidade simbólica. Toda a liturgia cristã é uma ação simbólico-sacramental. Nela se exerce uma mediação simbólica entre uma realidade descon-

dida e uma realidade palpável e visível. Esta ação ritual supõe uma relação de pertença, de compromisso e de transformação da realidade social e comunitária (Balbinot, 1998: 136).

No Nordeste uma outra expressão do corpo em movimento é a Missa do Vaqueiro que se realiza a cada ano. Em julho, sertanejos comemoram a Missa do Vaqueiro, uma das festas religiosas mais populares do Nordeste. Ela começou como um ato de protesto contra a impunidade no sertão e só anos mais tarde se transformou em celebração religiosa, uma das maiores do Nordeste.

Essa ação simbólica que se chama Missa do Vaqueiro é celebrada em três dias de festa religiosa para homenagear um peão assassinado no sertão pernambucano. O corpo montado à cavalo fala forte no sertão. Essas ações simbólicas devem nos remeter para o religamento que existe entre o ser humano que faz cultura e a natureza. Há uma complementariedade. E nesse ato simbólico tudo é festa. No final de julho, pois, o sítio das Lajes se ilumina e se enche de gente. Na sexta-feira e no sábado, acontecem a corrida vaquejada e os *shows* noturnos. A Missa do vaqueiro, realizada no domingo, é o encerramento do evento. A expressão corporal grupal está presente a cada momento. Vaqueiros montados a cavalo e vestidos com suas roupas de couro conduzem ao altar, durante o ofertório, peças de indumentária ao som de cânticos, aboios e repentes; na comunhão, a partilha da rapadura, da farinha de mandioca e do queijo de coalho.

## Conclusão

A revelação bíblica nos conta que foi na romaria do Êxodo que o Senhor Deus pediu o povo de Israel em casamento. No meio do deserto, ele se revelou e fez aliança com o seu povo (Ex 19–20). Fazer aliança é firmar um casamento, unir o destino dos que se aliam. Deus, ao fazer aliança com o povo, veio andar com ele no mesmo caminho, conduzir sua romaria, tornando a romaria do povo em caminho humano de Deus. Conhecemos um cântico da América Central que fala de Deus como um caminheiro: “Deus soando na estrada”. É uma expressão bela para expressar a profundidade do que é ter um corpo que se coloca em movimento.

Peregrinação e caminho envolvem o corpo e são símbolos da humanidade presentes em todas as culturas e religiões. O caminho chama ao pé como convite a percorrê-lo. A vida humana é uma autêntica peregrinação. A palavra peregrino refere-se a alguém que caminha cruzando os campos (*per agros*). Nascer é a nossa primeira experiência de peregrinos. A morte, por sua vez, será a nossa última etapa no caminho. Partir e chegar são o enredo da nossa existência, movimento que nos vai conduzindo ao Criador, origem e meta de toda a criação.

E nossos corpos são portadores, por assim dizer, de feridas e de cicatrizes impressas pela organização do universo político e pela repressão social. Nossos corpos reproduzem o sistema em que vivemos. A questão do corpo não pode ser tratada isoladamente. Devemos ver o corpo na sua multidimensão. A abordagem do corpo deveria ser aplicada plenamente aos discursos variados da convivência social.

O importante é que estas páginas ajudem a melhor vivermos o mistério envolvente que é o corpo. O corpo de cada um de nós. O corpo de todo ser vivente. O corpo da terra. E que nossa caminhada possa firmar uma comunicação interpessoal intensa, como também suscitar iniciativas grupais no campo da criatividade, da animação cultural e da educação. Que a beleza da religião possa nos encantar a tal ponto de zelarmos, cada vez mais, pelos corpos uns dos outros.

Gostaria de terminar este artigo com as palavras do poeta. Só um poeta pode transmitir melhor a magia do caminho expressa no corpo de cada ser humano. Na poesia “o homem, as viagens” Carlos Drummond de Andrade nos encanta quando diz:

“O homem, bicho da Terra tão pequeno,  
chateia-se na Terra  
lugar de muita miséria e pouca diversão,  
faz um foguete, uma cápsula, um módulo,  
toca para a Lua  
desce cauteloso na Lua,  
pisa na Lua,  
planta bandeirola na Lua,  
experimenta a Lua,  
coloniza a Lua,  
civiliza a Lua,  
humaniza a Lua.  
Lua humanizada: tão igual à terra.  
O homem chateia-se na Lua:

Vamos para Marte – ordena a suas máquinas.  
Elas obedecem, o homem desce em Marte,  
pisa em Marte,  
experimenta,  
coloniza,  
civiliza,  
humaniza Marte com engenho e arte.  
Marte humanizado, que lugar quadrado.  
Vamos a outra parte?  
Claro – diz o engenho  
Sofisticado e dócil.

Vamos a Vênus.  
O homem põe o pé em Vênus,  
Vê o visto – é isto?  
Idem  
Idem  
Idem.

O homem funde a cuca se não for a Júpiter,  
proclamar justiça junto com injustiça,  
repetir a fossa,  
repetir o inquieto,  
repetitório.

Outros planetas restam para outras colônias.  
O espaço todo vira Terra-a-terra.  
O homem chega ao Sol ou dá uma volta  
só para tever?  
Não-vê que ele inventa  
roupa insiderável de viver no Sol.  
Põe o pé e:  
Mas que chato é o sol, falso touro,  
espanhol domado.

Restam outros sistemas fora  
do solar a colonizar.  
Ao acabarem todos,  
só resta ao homem  
(estará equipado?)  
a difícilíssima dangerousíssima viagem  
de si a si mesmo:  
pôr o pé no chão,  
do seu coração,  
experimentar,  
colonizar,  
civilizar,  
humanizar,  
o homem,  
descobrimo em suas próprias inexploradas entranhas  
a perene, insuspeitada alegria  
de conviver”.

## **Bibliografia**

- ANDRADE, Carlo Drummond de. *A palavra mágica*. São Paulo: Editora Record, 10<sup>a</sup> edição, 2003.
- BARROS, Marcelo & PEREGRINO, Artur. *A Festa dos Pequenos. Romarias da Terra no Brasil*. São Paulo: Paulus, 1996.
- BALBINOT, Albino. *Liturgia e Política*. Chapecó: Editora Grifos, 1998.
- BUYST, Ione. *Liturgia de coração: espiritualidade da celebração*. Petrópolis: Vozes, 1994.

BOROBIO, Dionísio. *Dimensión social de la liturgia y los sacramentos*. Bilbao: Desclée de Brouweer, 1990.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

MESTERS, Carlos. *Paulo Apóstolo: um trabalhador que anuncia o Evangelho*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

LELOUP, Jean-yves. *O corpo e seus símbolos*. Petrópolis: Vozes, 1998.

LIZANA, Clemente. A questão do corpo nos movimentos populares. Equipe Hábeas Corpus Recife. *Cadernos do CEAS*, n. 134. Salvador: 1990.

*Artur Peregrino*  
(José Artur Tavares de Brito)  
arturperegrino@unicap.br